

Entrevista com Conceição Mesquita

“Não me imagino sem a Revista”

Conceição Mesquita é professora efectiva de Matemática na Escola Secundária de Rio de Mouro. Concluiu a licenciatura em Ensino da Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em 1986. Em Setembro desse ano participou no ProfMat de Portalegre, onde foi criada a APM, sendo assim um dos 140 sócios fundadores. Por esta razão, a sua carreira profissional tem tantos anos quantos tem a APM, uma curiosidade que ela própria recordou no decorrer da presente entrevista.

Ao longo destes dez anos, envolveu-se em vários projectos de trabalho nas escolas onde leccionou. Em particular, fez parte da equipa de coordenação do Projecto Minerva em duas escolas, uma experiência que reconhece como marcante. Na sua actual escola, onde está há seis anos, foi delegada de grupo durante quatro anos.

A Conceição fez parte da primeira Redacção da Educação e Matemática. Ao fim de um ano, foi eleita para a Direcção da APM e deixou a Redacção. Mas, claro, não deixou de ser uma leitora atenta. A presente entrevista — a segunda da série dedicada aos dez anos da Educação e Matemática — foi conduzida por Henrique Guimarães e Paulo Abrantes.

Educação e Matemática - Como sabes, uma das razões porque foste uma das pessoas escolhidas para esta série de entrevistas sobre os 10 anos da revista foi teres pertencido à Redacção e no seu primeiro ano. Como é que tu viveste esse ano na Redacção, que experiências retens?

Conceição Mesquita - Foi realmente uma vivência muito interessante, porque era uma coisa que estava a começar. Não era só pelo trabalho que pude fazer na altura, era todo um espírito que se vivia, um espírito de entusiasmo, de novidade que se reconhecia tanto nas pessoas já com mais experiência, como nas mais novas como eu, que estava a acabar de fazer estágio... Era um projecto novo que estava a nascer, era... Hei-de sempre lembrar-me daquelas discussões iniciais. Discussões de coisas simples e importantes como o nome da revista. Lembro-me perfeitamente da reunião, um dia à tarde, em que se esteve a discutir qual seria o nome da revista — foi o Paulo que foi o padrinho — lembro-me perfeitamente.

A própria maneira como o primeiro número da revista nasceu, acho que foi uma coisa incrível. Estivemos no dia 31 de Dezembro, véspera de fim de ano, até às 6 da tarde a trabalhar na revista. Nós fizemos tudo. Eu acho que a revista agora deve ser feita de uma maneira muito mais profissional... mas naquela altura, aqueles papéis

todos a colarem-se, aquelas manchas todas... Acho que foi uma coisa incrível. Eu lembro-me bem porque... foi realmente muito marcante. Tudo aconteceu na sequência do ProfMat de Portalegre. Acho que havia um entusiasmo muito grande. Uma coisa própria dos projectos que nascem, não é?

A par desse entusiasmo, era a sensação de estar a colaborar numa coisa em que estava num papel privilegiado. Tinha a perfeita consciência, de que era uma coisa importante e que nos iria marcar profissionalmente. Profissionalmente e pessoalmente, pois acho que estas coisas têm todas muito a ver com as ligações que se criam entre as pessoas e as pessoas que estiveram no projecto inicial da revista, são pessoas muito ricas tanto do ponto de vista profissional como do ponto de vista humano.

E.M. - Ao fim de um ano deixaste o trabalho da Redacção...

C.M. - Pedi para sair, porque fui eleita para a Direcção e, como nessa altura também estava a participar no projecto Minerva, achei que era difícil conciliar as coisas. Mas saí com uma certa mágoa, porque tinha perfeita consciência de que o trabalho na Redacção era uma coisa que eu gostava de fazer e que era muito enriquecedor.

E.M. - Agora, como leitora, que evolução é que tu achas que a revista teve?

C.M. - Acho que o projecto em si se mantém muito semelhante. A ideia que eu tenho é que não houve assim grandes saltos. Acho que houve uma evolução positiva, mas, felizmente, não se notam alterações de um momento para o outro. Acho que as pessoas que têm feito parte das sucessivas redacções têm tido o discernimento de perceber o que é que interessa em cada momento. E por isso ela alterou-se, alteraram-se as secções, por exemplo, pois algumas deixaram de ter tanto interesse. Lembro-me que no princípio havia aquela secção do Logo ou dos Computadores. Uma coisa que se nota e que eu gosto muito e que para mim é importante, é a revista estar bastante actualizada, acompanhar o que se está a passar em cada altura. Depois, claro que há as outras pessoas a crescer, que revelam e transmitem experiências, e isso é fundamental. Mas não noto assim grandes saltos...

E.M. - E em termos de balanço, que balanço é que tu fazes? Que aspectos francamente positivos destacas?

C.M. - Por exemplo: o que é que eu faço com a revista? Como é que eu a uso? Os vários artigos da revista são usados de maneira muito diferente e o grau de profundidade com que eu os analiso é muito diferente. Eu gosto de me identificar com o conteúdo de cada revista, saber o que é que está ali. Quando a recebo, começo a olhar

e vou desfolhando. Alguns artigos leio mais na diagonal e depois, se me interessam, vou até ao fim. Sobretudo os artigos que não me exigem uma grande reflexão logo na altura.

Uma coisa que eu leio quase sempre é o editorial. É sempre quase a primeira coisa, porque não me exige que esteja logo muito concentrada. Se há artigos de pessoas que eu conheço e que sei que em geral gosto do que essas pessoas escrevem, leio também. Costumo deixar muito para trás aqueles artigos que não são do nível de escolaridade que eu lecciono, ou sobre coisas mais específicas, por exemplo sobre algum programa de computador, ou sobre algo com que eu não estou tão familiarizada.

Uma coisa que gosto muito de ver, são os materiais. Gosto muito, e até gostava que houvesse mais, mas não sei em detrimento de quê.

Também gosto de pegar nas revistas todas quando estou a preparar as minhas aulas, ou a fazer algum trabalho. Nessa altura analiso todos os parágrafos. A revista funciona como alguém que me está a ajudar a reflectir sobre as coisas quando as estou a preparar. Lembro-me de um artigo que me serviu imenso. Era um artigo que trabalhava as diferenças finitas e que eu tinha lido só por alto. O artigo tinha vários problemas e, na altura em que precisei, ajudou-me imenso. Eu sabia que aquilo estava lá, tinha lido mais ou menos, mas só na altura que eu precisei de o usar é que, realmente, dissequei o artigo todo e foi muito bom.

E.M. - Em termos de uma análise global, diz assim um aspecto da revista que tu consideres que é francamente conseguido.

C.M. - É dizer-me o que é que em cada momento está a ser mais discutido. O que é que em cada momento está a questionar mais as pessoas que estão, talvez, mais atentas do que eu. É importante pela sua actualidade.

Outra coisa também importante, é que é através da revista que nos chegam os pareceres que a APM toma sobre determinadas coisas. E é através da revista que se consegue, no fundo,

um intercâmbio, um desafio para determinadas coisas. Quando eu leio a revista dá-me muito aquele toque: "vai para a frente, faz de maneira diferente, não te deixes submergir por estas coisas do dia-a-dia da escola" que geralmente me fazem perder um bocado o norte e saber um bocado para onde é que eu quero ir.

Eu penso que a revista — não sei se era nesta altura que eu devia dizer isto — não é muito o espelho do que se passa nas escolas, mas acho que não tem mal nenhum nisso. Acho que só tem bem, porque, realmente, se eu pensar: "gostava que a revista fosse um reflexo da escola?". Isso não é preciso, isso já nós vivemos no dia-a-dia. A revista tem é que nos puxar para a frente, tem que nos mostrar outras coisas, tem que ser inovadora, tem que nos mostrar o que se pode fazer apesar da adversidade toda. Não se pode olhar as coisas que lá se dizem como utópicas, não é isso. Não sei se perceberam a ideia? É isso que se tem notado ao longo do tempo e é por isso que a revista é tão importante para as pessoas. Por se não abrisse perspectivas, não poderia ser um instrumento de trabalho para fomentar o fazer as coisas de maneira diferente. Eu não me imagino sem a revista. Professora sem a revista? Eu digo sem a revista como poderia dizer sem a APM, só que a revista é que dá forma, é que concretiza realmente o que é a APM, penso eu!

E.M. - E o ProfMat...

C.M. - Sim, e o ProfMat, mas estou a pensar mais no dia-a-dia. Pondo-me um bocado na cabeça de quem nunca esteve nisto, penso que as pessoas devem confundir um pouco... Pensam que a revista é da Direcção. Eu acho que deve haver colegas que têm pouca consciência de que a revista é dos sócios e que só por acaso é que as pessoas (Redacção e Direcção) funcionam muito perto. Estão a



Foto: Henrique M. Guimarães

perceber o que é que eu quero dizer? No princípio, as pessoas eram quase as mesmas.

Agora, porque é que as pessoas não sentem a obrigação de escrever para a revista? Porque se calhar pensam que é um bem a que têm direito, não sei porquê. Porque pagam a quota? Mas o que se pretende com uma revista de uma associação, não é isso. O que se pretende é que ela seja um meio de pôr as pessoas a comunicarem entre si. Não quer dizer que eu ache mal que as pessoas que escrevem mais, sejam pessoas que realmente têm muito a dizer e que estudaram mais as coisas. É natural que as pessoas que estão mais ligadas à Redacção — não estão na Redacção por acaso — ou que estão mais ligadas à Direcção, escrevam mais. Eu acho que isso é bom. Acho que se a revista não fosse uma coisa com tanta qualidade, não chegava ao que chegou e se calhar nem a APM tinha os sócios que tem, nem tinha o peso que tem a nível nacional. Porque é que há tantos sócios na APM?

E.M. - Já que estamos nesta parte do porque é que se escreve, porque é que não se escreve, não queres falar

um pouco mais sobre isso?

C.M. - Outro dia estava a ouvir um programa novo na televisão que é "O Canal Aberto" e o primeiro programa foi exactamente sobre porque é que as pessoas participam ou não. Esses programas em que os ouvintes ou os telespectadores podem intervir são relativamente recentes. Tem havido na televisão vários desses programas e não tem havido assim tanta participação quanto isso e eles estavam a questionar essa situação. Sabemos que normalmente as pessoas têm pouca apetência para participar, para intervir nas coisas, e isso é uma coisa que não é específica dos professores de Matemática. As pessoas participam também muito pouco nas reuniões para discutir assuntos do sindicato, quando há greve ou não há greve. Eu acho que as pessoas participam pouco em tudo. é uma questão já muito velha.

Em relação a escrever, pior ainda, porque já não é só ir, é reflectir, é pensar. E isto dá trabalho. Dá trabalho e as pessoas vivem muito a correr, é preciso terem uma motivação muito forte para...

Depois, se um professor numa escola começar a pensar coisas como "eu não consigo escrever tão bem como aquele A, B, C, ou D que escreve para a revista, não vou acrescentar nada"... A perspectiva tem que ser outra, tem que ser "o que é que da minha experiência eu posso dizer de diferente de uma pessoa que até sabe dizer muito sobre um assunto e que até gosto do que ela diz?

Mas, se calhar depois as pessoas também pensam que o que podem dizer é o mesmo que todos os que estão nas outras escolas já sentem e que não precisam de ler na revista. Acho que, para desbloquear esta questão do escrever para a revista, é necessário as pessoas terem alguma motivação e acharem que o que têm para dizer é importante.

Penso que a Redacção tem feito um esforço, e que tem que continuar a fazer, que é jogar muito no conhecimento pessoal e no incentivar as pessoas.

E.M. - E tu, porque não escreves?

C.M. - Se calhar também é por algumas destas razões. Mas outra coisa... Para se escrever para a revista, não basta ter uma ideia, ter feito alguma coisa ou ter tido alguma experiência. É preciso reflectir-se bastante sobre aquilo que se fez e isso é o que falha mais nas nossas escolas. Quando as pessoas não estão integradas em algo muito organizado, como era o Projecto Minerva ou como são alguns grupos de trabalho que vai havendo... Quando são assim trabalhos que nascem mesmo da escola, coisas mais pequenas, que duas ou três pessoas fazem sem estar integradas em grupos, depois de se fazer as coisas, quase nunca se encontra espaço para se falar e para se reflectir sobre elas.

Eu, das vezes que escrevi para a revista, foi sempre porque alguém me disse "eu até sei que tu fizeste isso, eu acho que até tem interesse, por isso escreve". Isto dá uma certa segurança. Se calhar a verdadeira causa de as pessoas não escreverem para a revista é a não existência de auto-confiança. Tem-se mais confiança quando se trabalha em grupo e alguém já nos disse que o que estamos a fazer é importante. Assusta um bocado o número de pessoas que vão ler. Por exemplo, porque é que estava assustada com esta entrevista? É uma coisa que vai ficar escrita e a escrita é isso mesmo, vai ficar sempre escrita.

Agora, a nova secção que a revista tem que é "Pontos de Vista, Reacções e Ideias" é óptima para se



Foto: Henrique M. Guimarães

Penso que é por isso que, depois, as pessoas não vão falar sobre elas por escrito.

Por exemplo, as pessoas fazem uma ficha de trabalho, dão-na aos alunos, mas depois falar sobre como é que a ficha correu, é que se faz muito pouco. Se calhar é por já não se achar importante, já não é aquilo que se está a dar aos alunos. Uma coisa muito importante é escrever umas notinhas, ao lado das fichas que se fazem, para numa altura...

começar a perder o medo de escrever... Já se percebeu que traz mais gente a colaborar na revista, porque são coisas mais pequenas...

Eu acho que esta nova secção é óptima, e já provocou algumas reacções, algum despique... Eu gosto muito de a ler, por ser leve, curto.

Também não sei se não devia ser mais claro para as pessoas que querem escrever, que a Redacção tem alguma disponibilidade para ajudar as pessoas a escrever as coisas.

E.M. - Tu deste a entender que uma das coisas que gostas na revista são os materiais e que até devia haver mais, se eu bem percebi...

C.M. - Eu gosto muito da maneira como os materiais aparecem, quase sempre ligados a um artigo que explica como é que esses materiais foram usados. Isso é ótimo, pois não gostaria nada de ver a revista transformada em fichas de trabalho... É muito difícil ver-se uma ficha que se adapte exactamente ao que queremos fazer com os nossos alunos. Mas outra coisa que eu gostava que a revista publicasse era, por exemplo, como na revista *Mathematics Teacher*, algumas ideias que não estão na forma como vão ser usadas com os alunos, mas que podemos adaptar...

E.M. - Ideias que não estão trabalhadas do ponto de vista de aplicação imediata, mas que podem sugerir...

C.M. - Pois, nem que seja fornecer dados sobre qualquer assunto interessante, que depois se possam usar... Nós temos muita dificuldade em obter coisas dessas. Agora já vai havendo mais umas publicações, mas...

E.M. - Há outros aspectos que gostarias que a revista incluísse mais vezes, ou desse maior ênfase, ou desenvolvesse mais?

C.M. - Eu acho que é sobretudo o que já disse. Sinto que me poderia ajudar a... Para além de me pôr a pensar, que eu acho que é muito importante e que já faz, gostava que me pusesse a agir mais, a fazer mais...

Nós pensamos: "há tantos manuais". Mas nos manuais não aparecem essas coisas, são um bocadinho pobres porque têm que cumprir o programa, têm que ter as coisas do programa. Por exemplo na Estatística: eu tenho um bocadinho a sensação que aquilo a que nós damos mais atenção na escola não é o mais interessante... Outra coisa que a revista tem de bom é ter uma estrutura com algumas secções fixas, que nos orientam e dão consistência à revista, mas de vez em quando ter também umas coisas novas. Estou-me a lembrar daquela revista sobre a aula de Matemática, quando

foram buscar depoimentos de outros professores.

Haver secções fixas dá consistência à revista mas, ao mesmo tempo, não é demasiado rígida, e há espaço para outras coisas que tornam a revista leve e sem cair muito na rotina. Sempre com o mesmo estilo de coisas, a leitura também era menos agradável...

E.M. - Tu não arranjas nada que aches menos conseguido na revista?

C.M. - Se calhar para mim há coisas que são menos conseguidas, como é óbvio. Há artigos que eu gosto menos, que me interessam menos. Mas eu acho que a revista tem de ir ao encontro de pessoas que são muito diferentes. Há vários níveis de ensino.

E.M. - Não era tanto o interesse. Era mais se há áreas que estão exageradamente contempladas ou nunca foram contempladas, ou...

C.M. - A revista é bastante variada, há sempre espaço para que, em cada número, haja sempre um assunto que nunca apareceu, nem faz parte da tradição da revista. A estrutura em si e o espírito da revista fazem-me crer que, se se justificar, tal pode acontecer... Com isto quero dizer que não vejo necessidade de haver alterações na revista. Tal como ela é, cabem outras coisas que eventualmente surjam...

E.M. - No aspecto e organização gráfica, ao longo destes dez anos houve algumas mudanças. Como é que tu as viste? Melhorou? Piorou?

C.M. - É evidente que melhorou. Eu gosto muito da introdução dos artigos, do pequeno resumo do lado esquerdo. Acho que ajuda imenso. Depois, se é duas colunas ou três colunas... Se calhar sem me aperceber, assim torna-se mais leve, não sei. Lá haver ou não alinhamento à direita, isso para mim não é... Agora eu realmente também não estou a gostar das capas... (risos)

E.M. - E passando aos números temáticos, queres falar um pouco sobre isso?

C.M. - Eu acho a ideia boa, e acho que a sua quantidade anual está na proporção certa. Os números

temáticos ajudam, são uma consulta mais fácil e têm a vantagem de, havendo vários artigos sobre o mesmo assunto, existe inevitavelmente mais divergência, mais confronto, e a pessoa pode situar-se melhor. É mais fácil para a pessoa... Ao haver duas ideias em confronto, ela própria tem que fazer um juízo de valor. A pessoa situa-se melhor assim do que se só vir expressa uma opinião com a qual se identifica. Eu gosto.

E.M. - Tens alguma sugestão de tema para o próximo número temático?

C.M. - Vamos lá ver, tenho que pensar um bocadinho... Poderia ser uma coisa que me preocupa sempre muito que é a avaliação, não sei se se consegue se não. Eu acho que a avaliação é uma coisa tão difícil de pôr em prática, como de falar sobre ela.

E.M. - Como é que tu vês a importância da revista, quer em termos da APM, quer ao nível dos professores de matemática em geral? Queres acrescentar mais alguma coisa...

C.M. - Eu acho que ao falar naquilo que a revista é importante para mim, de certa maneira estou... O que eu sinto, devem sentir alguns professores, não é? Não tenho nada a acrescentar. Que ela é extraordinariamente importante, acho que é. Sem a revista, era impossível à APM, arrisco-me a dizer, atingir os objectivos que se propôs, aquando da sua formação.

E.M. - Que papel é que tu achas que cumpre...

C.M. - Dois dos objectivos fundamentais aquando da criação da APM eram o intercâmbio de ideias e experiências entre os professores e fomentar o interesse e participação em projectos de inovação pedagógica. A Associação procura realizá-los através da sua revista. Vamos lá ver, não é só, pois há o ProfMat, os encontros regionais e toda uma série de iniciativas que visam esses objectivos. Dito por outras palavras, no fundo a APM foi criada para melhorar o ensino da Matemática e eu acho que a revista, ao chegar a tanta gente, ao chegar a tantos sócios, pouco a pouco faz fermentar alguma coisa.